

ROBERTO DA MATTA – O INCÔMODO ESPELHO DO BRASIL

Pedro Karp Vasquez

Se toda unanimidade é de fato burra, como queria Nelson Rodrigues, desta sina Roberto DaMatta escapou. Longe de ser unanimemente reverenciado, ele causa incômodo e inveja entre seus colegas acadêmicos, alguns dos quais se obstinam em ignorá-lo ou até mesmo atacá-lo. Apesar disto, DaMatta é o intelectual brasileiro mais citado em teses e estudos em Ciências Sociais, e um autor incontornável, pois se inscreve na nobre linhagem dos mais argutos intérpretes do Brasil, em que se alinham nomes como Gilberto Freyre, Caio Graco Prado, Câmara Cascudo, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro. Com a diferença de ter sido ele o único a ter conseguido estabelecer uma ponte efetiva entre o universo acadêmico e a sociedade, inaugurada por intermédio de iniciativas como a série televisiva “Os Brasileiros” e mantida aberta por meio de sua coluna semanal reproduzida em dois dos mais importantes jornais do país, “O Globo” e “O Estado de S. Paulo”.

Uma das características distintivas mais marcantes de Roberto DaMatta é a desenvoltura em mesclar a experiência pessoal e a memória íntima às observações científicas. Para falar do jogo do bicho, em Águias, burros e borboletas, começou evocando a figura de sua avó materna, Dona Emerentina Perdigão da Matta. Em outra oportunidade, abriu uma coletânea, Explorações: ensaios de Sociologia Interpretativa, com a desconcertante informação, aparentemente inútil, personalista e nada científica: “Outro dia fui a um concerto”. Antes que o leitor espantado possa articular mentalmente: “E eu com isso?”, ele se vê enredado numa argumentação fascinante como uma crônica, porém irrepreensível como reflexão acadêmica. Mas que porventura pode desagradar a alguns precisamente pela qualidade literária da escrita nascida da atenção em relação àqueles situados fora do mundo universitário: os leitores comuns. Assim, sem pestanejar e sem perder o fio da meada DaMatta entrelaça na mesma corrente de raciocínio Mozart, a Umbanda, Clifford Geertz, Claude Lévi-Strauss, Thomas Mann, os índios Apinayé, o então deputado (e cacique) Mário Juruna e Gilberto Freyre.

Roberto DaMatta incomoda e provoca admiração pelo fato de conjugar em sua personalidade características que alguns julgam incompatíveis e inaceitáveis do ponto de vista da ortodoxia acadêmica. Os franceses estão habituados com a figura dos intelectuais de alto gabarito que são também figuras públicas e midiáticas, muito embora tais personagens se façam cada vez mais raros em tempos de mesmice e padronização. Já os brasileiros têm a tendência atávica de circunscrever “cada um em seu quadrado”, de modo que os intelectuais de caráter mais tíbio ou melancólico ficam incomodados com um colega que é capaz de cantar de forma irrepreensível os standards da música americana, e, ao invés de permanecer tranquilamente no estudo (quase um refúgio) das tribos indígenas, corre o risco de opinar a respeito de temas pouco respeitados como futebol, carnaval, jogo do bicho e, mais recentemente, violência no trânsito. Mas são precisamente tais temas que nos permitem responder à indagação por ele mesmo proposta em Carnaval, malandros e heróis e depois retomada num livro que leva esse título: O que faz o Brasil, Brasil?.

Pelo fato de ser capaz de propostas instigantes e desconcertantes como a de uma “antropologia da saudade”, Roberto DaMatta se inscreve entre aqueles que ousaram romper com as fórmulas consagradas importadas do hemisfério norte para desenvolver um saber autônomo e distintivamente brasileiro. Pelo fato de escrever tão bem e de ser tão visceralmente brasileiro quanto Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, é autor fadado a enveredar um dia pela ficção, muito embora não precise fazer essa passagem para que suas obras sejam lidas com tanto prazer quanto proveito. Pelo fato de confrontar a estrutura social brasileira baseada no “sabe com quem está falando?”, assim como desmistificar nossa auto-imagem positiva ao evidenciar nosso comportamento agressivamente psicopata no trânsito, onde o outro é sempre o errado e o babaca, Roberto DaMatta nos estende um incômodo espelho que nos projeta uma imagem tanto mais repulsiva quanto intrínseca e inquestionavelmente precisa.

Roberto DaMatta é um fenômeno, mas não um destes “fenômenos” efêmeros criados pelo interesse financeiro e alimentados por campanhas de marketing. DaMatta é um fenômeno pelo fato de espelhar de forma implacável o Brasil e os brasileiros, sem no entanto se posicionar na zona de conforto do observador científico isento e distanciado de seu objeto de estudo. DaMatta nos compreende visceralmente porque ele é um de nós, nem melhor nem pior, apenas um brasileiro de olhos abertos e,

portanto, desconcertante pela própria natureza, uma figura única capaz de lecionar por dezoito anos numa importante universidade dos Estados Unidos e, ainda assim, manter a independência de espírito necessária para agradecer numa de suas crônicas ao auxílio luxuoso do Black Label, que o ajuda a perseverar na dura, porém fascinante, caminhada da condição humana.

Roberto DaMatta é um sábio e um hedonista, mas, acima de tudo, um brasileiro. Um irmão, um amigo, um igual, porém um arguto e insubstituível intérprete do Brasil, sem o qual seria difícil entender por que somos o que somos e para onde vamos a partir do ponto em que estamos.

Tradutor, escritor e fotógrafo, formado em cinema pela Université de la Sorbonne e mestre em ciência da arte pela UFF.